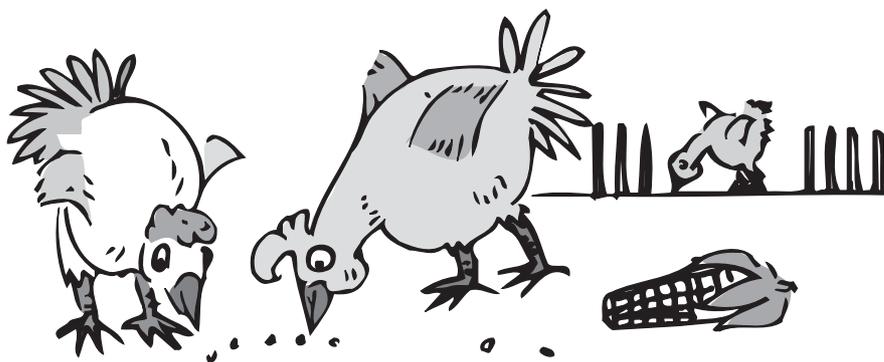


Plantando dá

Cenatexto

Você viu, na aula passada, Noca e Euclides comentado sobre a Associação de Microprodutores Rurais da qual fazem parte. Eles agora estão iniciando mais um bate-papo. Acompanhe.



- E aí, compadre Euclides, o que é que você achou da nossa reunião?
- Ah, compadre, se não fosse o Zezé ser firme, acredito que mais de trinta associados tinham votado na batatinha. Ia ser um desastre! Não ia ter vendagem pra tanta batata não. Esse povo tá é doido! Com tanta batata sobrando, porco é que ia rachar de gordo...

- O Zezé é mesmo batuta! Essa é a vantagem de ter um presidente linha-dura. Ainda bem que o milho venceu. Outra coisa boa foi aquela conversa dele sobre a horta comunitária e o açude.

Desde que Zezé se tornou presidente da Associação, tem feito vários cursinhos no sindicato e escutado muito programa de rádio sobre agricultura. Vem se atualizando pra passar adiante seus conhecimentos.

- Mas, mudando o rumo da prosa, como tá a safra do milho, compadre Noca? Minha mulher anda preocupada com o destino da granja porque ela escutou uns dizendo que o milho é pra fubá e outros, que é pras galinhas. Parece que é o Claudemir que tá aconselhando fubá. É ele que tá dizendo que moer o milho é mais vantajoso do que mexer com granja.

- Aquele não sabe de nada. É bem capaz de nem saber que faz mal molhar planta com sol quente. E tem mais: de que jeito nós vamos dar cabo a tanto fubá? A gente vai é entalar o povo. É fubá demais...

A essa altura da conversa, Euclides se lembrou do financiamento do banco. De acordo com o contrato, o milho seria totalmente destinado à granja e os dois estavam bem conscientes de que não seria nada recomendável alterar o que fora combinado.

- Esse pessoal do banco é raposa velha: quando a gente tá levando o milho, eles já tão voltando com o fubá - assegurou Noca.
- É compadre, na próxima reunião a gente tem que lembrar o povo que trato é trato - assegurou Noca. - Nada de fubá não!
- Não é por nada não, compadre, mas eu acho que a gente tá botando o carro na frente dos bois. Nós nem compramos a semente ainda e já tem gente brigando por causa do fubá!...

Dicionário

Repare nesta passagem da Cenatexto:

*É capaz dele nem saber que faz mal molhar **planta** com sol quente.*

É claro que a palavra **planta** nessa passagem não apresenta nenhuma dificuldade de entendimento, pois nesse caso significa **vegetal**. Essa palavra, contudo, pode apresentar outros sentidos, dependendo do contexto em que ela aparece.

1. Após consultar o dicionário, explique o sentido da palavra **planta** nas frases:

a) O homem já fez a **planta** da fazenda?

.....

b) O agricultor machucou-se na **planta** do pé.

.....

c) O fiscal do banco **planta-se** na sede da Associação todo final de mês.

.....

d) O lavrador **planta** na esperança de colher.

.....

e) Aquele associado **planta** idéias que germinam.

.....

2. Agora reescreva estas frases, substituindo as palavras ou expressões em destaque por sinônimos. Faça as alterações necessárias. Se for preciso, consulte o dicionário.

a) Claudemir **aconselhara** que se fizesse fubá.

.....

b) Os dois estavam bem conscientes de que não seria nada **recomendável** alterar o que fora combinado.

.....

c) E tem mais: de que **jeito** nós vamos **dar cabo** a tanto fubá?

.....

Entendimento

1. Diga, com suas palavras, qual era a preocupação da mulher de Euclides.
2. Em uma passagem da Cenatexto, Euclides afirmou: *esse pessoal do banco é raposa velha*. Explique por que o personagem usou essa metáfora e a que ele estava se referindo.
3. Releia a seguinte passagem da Cenatexto: (...) *é bem capaz de nem saber que faz mal molhar planta com sol quente*. Explique o que você acha que Noca queria dizer com isso.
4. Releia o seguinte trecho da Cenatexto: *mas eu acho que a gente tá botando o carro na frente dos bois*. Explique o que a expressão em destaque significa no contexto da história apresentada.



Aprofundando

Você viu na aula passada a diferença entre *tempo composto* e *tempo simples* do verbo. Viu que no *tempo composto* há duas formas verbais: o *auxiliar* e o *principal* e que no *tempo simples* só há *uma forma verbal*.

1. Transforme os verbos destacados do *tempo simples* em *tempo composto*, fazendo as adaptações necessárias. Siga o modelo:

Modelo: Noca e Euclides **discutiram** sobre a Associação.

Tempo composto: Noca e Euclides **haviam discutido** sobre a Associação.

a) Eles **brigaram** por causa do fubá.

.....

b) Naquele mês, eles já **mudaram** de ramo.

.....

c) Essa associação ainda não se **firmara**.

.....

d) O Zezé de Antônio **escutara** muito programa de rádio.

.....

e) Claudemir **aconselhara** que se fizesse fubá.

.....

2. Procure na Cenatexto duas frases: a primeira deverá ter um verbo no *tempo simples* e a segunda um verbo no *tempo composto*.

a)

b)

Note que a Cenatexto apresenta personagens do interior, mais precisamente, da zona rural brasileira.

Os *pré-modernistas*, por meio de suas obras, montaram um painel sobre o Brasil, e muitos deles utilizaram pessoas do interior, caipiras, como personagens de seus romances. A isso se dá o nome de *regionalismo*.

O regionalismo, a denúncia dos problemas sociais e a ligação da obra de arte literária com a realidade social, política e econômica do Brasil são ocorrências comuns no *Pré-Modernismo*.

Euclides da Cunha, escritor pré-modernista, escreveu sobre a Guerra de Canudos em sua obra *Os Sertões*. É nesse livro que ele fala de Antônio Conselheiro, líder dos revoltosos baianos, que lançou a seguinte profecia: *o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão*.

Leia um trecho do penúltimo capítulo do livro *Os Sertões*. Nele é narrado o fim da luta entre as tropas do exército e os últimos defensores de Canudos. Observe que, com esse título, o autor homenageia os sertanejos que lutaram até a morte.

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu no arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5.200, cuidadosamente contadas.





Veja agora um trecho da fala do beato Sebastião, personagem do filme *Deus e o diabo na Terra do Sol*, do cineasta brasileiro Glauber Rocha, e que foi inspirado na figura de Antônio Conselheiro.



*E o sertão vai virá mar e o mar vai virá sertão
o homem não pode ser escravo do homem
o homem tem que deixá as terra que não é dele
e buscá as terra verde do céu
quem é pobre vai ficá rico no lado de Deus
e quem é rico, vai ficá pobre nas profunda do inferno.*



O sertão virou mar

A mais curiosa profecia de Antônio Conselheiro era a de que o sertão ia virar mar e o mar ia virar sertão.

Hoje, passados pouco mais de 80 anos dos episódios de Canudos, o *sertão virou mar*: O arraial de Canudos, à beira do rio Vasa-Barris, encontra-se, atualmente, submerso nas águas do açude de Cocorobó. O que era, em fins do século XIX, quase um deserto, é hoje um mar.



Fonte: José de Nicola. *Literatura brasileira da origem aos nossos dias*. São Paulo, Ed. Scipione. 1988. Pág. 151.